

Arquitetura e Sustentabilidade como instrumentos de qualificação do espaço turístico: o caso da comunidade Kalunga do Engenho II

Architecture and Sustainability as instruments of qualification of the tourist space: the community Kalunga Engenho II

Talita Xavier Maboni, graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília.

arqmaboni@gmail.com

Liza Maria Souza de Andrade, profesora, Universidade de Brasília.

lizamsa@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta a pesquisa inserida no Grupo de Pesquisa “Periférico, trabalhos emergentes” e experiências vividas até o presente momento junto à comunidade Kalunga Engenho II - Cavalcante-GO, referente ao projeto de infraestrutura turística em que a arquitetura atua como instrumento para um espaço turístico sustentável. Os moradores do Quilombo Kalunga têm visto o ecoturismo se intensificar a cada ano, necessitando de infraestrutura para receber a atividade de forma a minimizar impactos ambientais e socioculturais, e potencializar a organização socioespacial bem como as práticas socioecológicas. Partindo de demandas reais e da identidade local foram elaborados padrões espaciais e de acontecimentos, baseado em Alexander (1977). Os princípios das dimensões da sustentabilidade (Andrade e Lemos, 2015) ambiental, social, econômica, cultural e emocional, também nortearam a análise e soluções alternativas, respaldadas pela metodologia do processo participativo, sistematizadas no formato de padrões geradores de soluções. Os resultados obtidos geraram propostas alternativas para um núcleo cultural turístico com museu, pracinha e equipamentos comunitários.

Palavras-chave: Arquitetura; Kalunga, Turismo; Sustentabilidade; Processo Participativo

Abstract

This paper summarizes a project inserted in the Research Group, “Periférico, trabalhos emergentes” and experiences lived up to the present moment along with the community Kalunga-Engenho II, in Cavalcante-GO, related to a project for touristic infrastructure where

architecture act as an instrument for a sustainable touristic space. The residents of Quilombo Kalunga have seen ecotourism intensifies each year, requiring infrastructure to receive the activity in order to minimize environmental impacts and enhance sócio-spatial organization as well as socio-ecological practices. Starting from real demands and local identity, spatial and conditional patterns were elaborated, based on Alexander (1977). The principles of environmental, social, economic, cultural and emotional sustainable dimensions (Andrade and Lemos, 2015) also guided the analysis and alternative solutions, supported by the methodology of the participatory process, systematized in the form of patterns generating solutions. The results generated alternative proposals for a cultural tourism complex with a museum, square and community equipment.

Keywords: *Architecture; Kalunga; Tourism; Sustainability; Participatory Process*

1. Introdução

Cada vez mais a preocupação com a conservação dos ambientes naturais e culturais de uma sociedade para usufruto das gerações futuras vem sendo o eixo orientador na concepção de projetos arquitetônicos e urbanísticos. Ainda assim, segundo Montaner e Muxí (2013), há uma polarização nas atuações dos arquitetos e urbanistas: há profissionais que se mantêm fiéis ao status quo e às demandas comerciais de seus clientes e outros que tentam melhorar a vida das pessoas com seu trabalho, lutando contra a pressão do mercado e integrando diversas áreas do conhecimento ao coletivo em projetos sociais e de cooperação.

A participação da comunidade nas tomadas de decisões relativas ao seu desenvolvimento futuro deveria ser premissa indispensável nos projetos de arquitetura e urbanismo, uma vez que reforça o reconhecimento mútuo entre os habitantes de um local e entre eles e sua comunidade. Contudo, sabe-se que o trabalho do arquiteto não é acessível a todas as pessoas, em especial comunidades carentes. Dessa forma, buscando atender a uma demanda real, este trabalho se desenvolve no povoado do Engenho II, pertencente ao Quilombo Kalunga localizado na região da Chapada dos Veadeiros, em Goiás. Por ser a portaria de entrada para as cachoeiras Santa Bárbara, Capivara e Candaru e devido à sua especificidade natural e singularidade cultural, o Engenho II tem no ecoturismo uma importante fonte de renda e precisa ser bem estruturado para receber a atividade.

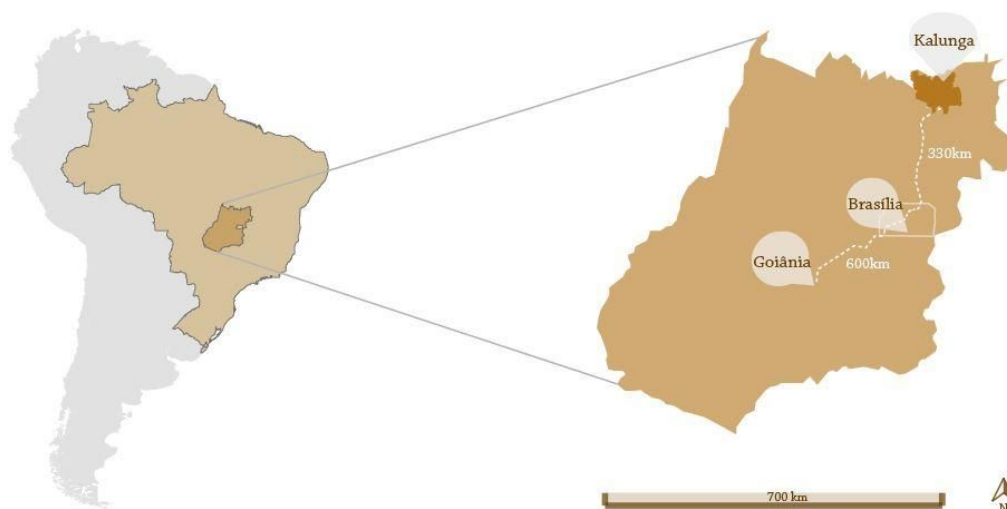


Figura 1: Localização do território Kalunga. Fonte: elaborado pelos autores.

Assim, na busca de uma arquitetura que garanta a sustentabilidade em todos os aspectos sociais, ambientais, econômicos e culturais, o objetivo deste artigo é demonstrar o processo de projeto para a construção de infraestrutura turística e equipamentos comunitários no Engenho II. Pretende-se com a arquitetura não uma representação caricatural do que é ser quilombola, mas uma que expresse o que é ser quilombola no Engenho. O trabalho faz parte do Grupo de Pesquisa “Periférico, trabalhos emergentes” e se transformou em Projeto de Extensão PIBEX/UnB, com início em agosto de 2016 e se estendendo até o presente momento.

Seguindo a metodologia desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Periférico da FAU-UnB, o processo participativo acontece em vários momentos, sendo possível definir etapas de ação. Num primeiro momento ocorre uma aproximação com a comunidade através de visitas, eventos, questionários e entrevistas, seguido por um diagnóstico participativo onde é analisado o contexto de acordo com as dimensões de sustentabilidade ambiental, social, econômica e cultural/afetiva (ANDRADE, 2014). Somado a isso estão as pesquisas acadêmicas relativas ao tema realizadas anteriormente por diversos autores para encontrar fundamentação teórica que embase a pesquisa. No caso do Engenho teve-se como base os estudos do professor Rafael Sanzio Araujo dos Anjos para o entendimento das comunidades quilombolas e a situação dos povos remanescentes de quilombos no Brasil. No campo histórico-espacial as pesquisas da professora Alessandra D’aqui Velloso forneceram informações importantes sobre a história de formação do Engenho e sobre o modo de vida de seus moradores.

O entendimento sobre o ecoturismo teve como ponto de partida a cartilha do Ministério do Turismo intitulada “Ecoturismo: orientações básicas” (2010), do qual foi possível extrair informações sobre o segmento do turismo e do ecoturismo. Suas contradições se embasaram na perspectiva do Materialismo Dialético de Karl Marx.

A partir da análise e da observação direta do local, bem como da coleta de dados através de relatos orais e conversas informais, foram identificados os padrões espaciais e de acontecimentos baseados no livro “Uma Linguagem de Padrões”, de Alexander et al.

(1977), consistindo nos princípios básicos e iniciais para a elaboração de “design interativo”.

Os resultados obtidos estão sendo sistematizados no processo de projeto arquitetônico e paisagístico de um núcleo cultural voltado para o turismo dentro do Engenho, ainda no formato de “soluções alternativas”, criando um circuito entre as edificações tais como o Espaço da Memória Kalunga, a Casa de Farinha, de algodão e cana, uma pracinha e feirinha de produtos quilombola, um palco para apresentações culturais e espaços de permanência e descanso para o turista. Durante todo o processo tem-se observado o interesse da comunidade em pensar e projetar junto seus espaços, não sendo atores coadjuvantes no planejamento de seu próprio território, mas atores principais em busca da qualificação do espaço e de melhorias na qualidade de vida.

2. Metodologia:

O processo participativo do Grupo Periférico age como eixo norteador no desenvolvimento dos projetos e pode ser dividido em etapas:

- 1^a) Reconhecimento e reflexão crítica;
- 2^a) Desenvolvimento das demandas;
- 3^a) Execução do projeto.

Para a primeira etapa, foi feito um estudo teórico das comunidades quilombolas a partir das pesquisas conduzidas pelo professor Dr. Rafael Sanzio Araújo dos Anjos, que sistematizou informações geográficas para o mapeamento dos municípios brasileiros contribuindo para a compreensão dos quilombos e sua relação com a formação do território e do povo brasileiro. Em seguida foram realizadas pesquisas acadêmicas para o entendimento do contexto histórico e social do Quilombo Kalunga, tendo a pesquisa da professora Alessandra D’Aqui Velloso “Mapeando narrativas: uma análise do processo histórico-espacial da comunidade do Engenho II” (2007), como principal fonte sobre o processo histórico-espacial do Engenho II.

É preciso compreender quais as relações que se estruturam nesse espaço e como os moradores se relacionam com determinados espaços e contextos. Assim, logo se percebeu a dialética nos impactos do turismo e a existência de conflitos, justificando-os com o materialismo dialético de Karl Marx. O materialismo dialético é uma concepção filosófica que defende que o ambiente tanto modela sua sociedade e cultura quanto é modelado por ele, onde a matéria está em uma relação dialética com o psicológico e o social.

Para uma maior compreensão dos laços afetivos com o território, foram mapeados os locais mais importantes sobre imagens de satélite do território do Engenho II (elementos comunitários, simbólicos e espaços de produção).

Através de relatos orais e conversas informais com moradores mais velhos foi possível aprender um pouco sobre a história do quilombo contada pelo seu próprio povo, contribuindo para o reavivamento da memória coletiva através da oralidade. Além disso, foram elaboradas perguntas chave que contribuíssem para o entendimento da infraestrutura e atividades locais, com ênfase em dados socioeconômicos, materiais e técnicas

construtivas, infraestrutura presente no território e as dinâmicas da atividade turística.

A segunda etapa consiste na sistematização dos dados após o diagnóstico do local e uma análise do contexto onde são definidos os padrões de acontecimentos existentes no espaço. Assim, foi feita uma análise das dimensões da sustentabilidade ambiental, social, econômica e cultural, segundo Andrade, 2014. Com os dados obtidos e a análise das dimensões de sustentabilidade foram elaboradas soluções na forma de códigos ou padrões que surgem a partir dos problemas relatados pela comunidade e soluções propostas pelas pessoas no processo participativo. A metodologia de padrões criada por Alexander et al. (1977) descrita em seu livro *Uma Linguagem de Padrões* (1977), se baseia no levantamento das problemáticas locais para a criação de soluções na forma de padrões, específicos para cada contexto. Os padrões devem ser apresentados à comunidade de maneira clara e acessível para que eles possam entendê-las e executá-las. A interpretação dos padrões é pessoal e deve se adaptar às preferências dos moradores e às condições do local de projeto.

A partir do levantamento das técnicas e materiais utilizados tradicionalmente pelos locais foram escolhidas as melhores soluções arquitetônicas para o projeto. O conhecimento tradicional deve se fundir ao conhecimento do pesquisador para resultar em uma arquitetura que melhor se adeque ao contexto, evitando, assim, perda de material, gastos desnecessários e técnicas construtivas inadequadas ao meio em questão.

Como visto a pesquisa e o projeto não se dão de forma linear, mas se interconectam e acontecem de forma simultânea juntamente com a participação popular. O entendimento do contexto se dá na medida em que a aproximação com a comunidade é feita, para então surgirem respostas às questões levantadas. Na última visita realizou-se uma reunião com a comunidade para apresentar os resultados da pesquisa obtidos até o momento e mostrar croquis iniciais para o projeto arquitetônico em si para que eles pudessem opinar e decidir sobre as melhores soluções.

3. Resultado da aplicação da metodologia

3.1 Primeira etapa

É possível observar em todas as comunidades quilombolas os conceitos de identidade étnica, territorialidade e resistência, e foram estes o motivo de esses grupos terem sobrevivido até hoje, mesmo em uma sociedade capitalista cada vez mais global e homogeneizadora de culturas (VELLOSO, 2007, p.18). Estes grupos foram mantidos invisíveis pela história oficial e, como afirma Anjos (2006):

“Ainda hoje continuam associando à população afro-brasileira a imagem de escravidão, referindo-se aos quilombos como se fizessem parte do passado, como se não constituíssem um fato da historicidade e territorialidade contemporâneas”. (ANJOS, 2006, p.52).

O Quilombo Kalunga constitui uma dessas comunidades que, unidas, resistiram ao longo do tempo e ainda hoje lutam pelo direito de reconhecimento de suas terras e pelo fim da ação de fazendeiros e grileiros que lhes tomam seus territórios. Localizam-se na região

da Chapada dos Veadeiros, em Goiás, e ocupam uma área de 237 mil hectares, sendo o maior quilombo do Brasil em extensão territorial, tradicionalmente ocupando uma região entre serras, morros e cachoeiras. Tantas belezas naturais dentro do território Kalunga atrai a atenção de muitos visitantes que buscam no ecoturismo e na natureza um descanso de todo o caos urbano.

O povoado do Engenho II pertence ao Quilombo Kalunga e suas terras foram tombadas como Sítio Histórico e Patrimônio Cultural. Por se tratar de área preservada, os cuidados com a administração do turismo devem ser sempre reforçados, uma vez que os processos de reestruturação e valorização de um espaço dinâmico como Engenho II, com rica carga histórica e cultural, precisam ser bem compreendidos para a conservação dos mesmos diante de uma economia globalizada e competitiva, que penetra na comunidade na forma do turismo enquanto atividade produtiva e uma das mais importantes fontes de renda aos grupos residentes da Chapada dos Veadeiros.

Assim, os espaços do Engenho II estão constantemente sendo alterados e modificados de acordo com as necessidades dos moradores, precisando se adaptar às demandas existentes que, atualmente, se concentram nas práticas turísticas. Segundo a concepção filosófica do materialismo dialético defendida por Karl Marx no século XIX, por gerar essa produção e consumo do espaço o turismo acarreta num impacto, positivo e negativo ao mesmo tempo. Resulta em um incremento na economia dos locais, ao passo que permite ao turista uma vivência com outras culturas e conhecimentos. Por outro lado, as relações sociais dos moradores entre si e deles com os turistas são alteradas. A competição entre as famílias empreendedoras que se voltam para o turismo gera desestruturação cultural entre eles, que são todos descendentes das mesmas famílias, e as relações desenvolvidas entre eles e os turistas acabam sendo baseadas na mercantilização de seu patrimônio, às vezes até forjado para a venda do “produto turístico”. Além disso, existe uma supervalorização do turismo de água das cachoeiras do Engenho, deixando o turismo cultural da comunidade às vezes esquecido.

Os moradores do Engenho II atuam no ecoturismo local como guias de turistas para as cachoeiras e pela comunidade apresentando seu modo de vida e lendas, na venda de alimentos, bebidas e artesanatos e no aluguel dos quintais para camping. Contudo, ainda é precária sua infra-estrutura para o turismo, sendo que a atividade se intensifica cada vez mais na região.

Muitas famílias melhoraram a renda familiar com a atividade turística, porém nem todos os moradores têm condições financeiras para investir na fabricação de produtos artesanais e comercialização de alimentos e bebidas para o turista. Além disso, a competitividade entre os empreendedores locais também é um fator que prejudica algumas famílias. Certamente, não há o envolvimento de toda a população na atividade turística, o que provoca conflito de interesses entre os grupos locais e mudanças nos laços historicamente estabelecidos com o lugar, resultando em uma desvalorização da cultura local.

Durante as visitas de campo realizadas foi possível extrair diversas informações a respeito da infraestrutura local e elaborar um mapa dos principais pontos comunitários. A

realização de mapeamento afetivo junto à comunidade permite uma maior compreensão do território, tendo como guia os próprios moradores, como mostram as figuras abaixo:



Figura 2: Mapeamento afetivo. Fonte: elaborado pelos autores.

Figura 3: Mapa dos elementos comunitários e turísticos. Fonte: elaborado pelos autores.

Constatou-se que a infra-estrutura voltada para o turismo na comunidade ainda é muito incipiente, existindo apenas o CAT (Centro de Atendimento ao Turista) e alguns campings e restaurantes nos quintais dos próprios moradores. Através de narrativas orais e conversas informais, além de entrevistas semi estruturadas e anotações de campo, obteve-se dados relativos à infraestrutura e dinâmica local.

Os recursos financeiros dos moradores vêm de Programas Federais, das práticas do turismo e venda de alimentos produzidos no local. Possuem como equipamentos públicos escolas primária, fundamental e média, um Posto de Saúde, campinho de futebol, Casa Digital com computadores recebidos por doação, Igrejas católica e evangélica e um Posto da Polícia Militar. Os materiais construtivos tradicionais são o “enxumento” (pau-a-pique), o adobe (introduzido há cerca de 40 anos), e, recentemente, começaram a ser utilizados o solo-cimento e alvenaria para as construções, muitas vezes presente mais de um material na mesma construção. Para as coberturas, são utilizadas palha, telha cerâmica e de amianto (eternit). Todas as casas captam água de nascente próxima e estão ligadas à rede de energia elétrica, sendo que a maioria delas utiliza fossa séptica com sumidouro para a eliminação dos rejeitos.

3.2 Segunda etapa

Considerando as Dimensões de Sustentabilidade foi feito o diagnóstico a partir da análise da área mais habitada do território do Engenho II, onde vivem cerca de 140 famílias. Em seguida, foram traçadas diretrizes para o projeto selecionadas a partir dos

padrões de Christopher Alexander. A metodologia de padrões criada por Alexander et al. (1977) descrita em seu livro Uma Linguagem de Padrões (1977), se baseia no levantamento das problemáticas locais para a criação de soluções na forma de padrões, específicos para cada contexto. Após a análise das dimensões de sustentabilidade do Engenho II foram sugeridos padrões de possíveis soluções para os problemas levantados, que foram apresentados à comunidade de maneira clara e acessível para que eles possam entendê-las e executá-las. As tabelas 2, 3, 4 e 5 ilustram a análise do contexto e dos problemas levantados, e as figuras 4, 5, 6 e 7 os padrões sistematizados.

Sustentabilidade Social
<p>Contexto/Problemas: Pouca integração entre os principais pontos comunitários. Há uma crescente utilização do tijolo cerâmico nas construções, apesar das reclamações em relação ao conforto térmico e a preferência pelo adobe. Espaços coletivos são pouco estruturados e pequenos. Faltam espaços para descanso e sombras nos percursos dos pedestres. Presença de muitos carros de turistas causando desconforto e aglomeração no centro da comunidade.</p> <p>Soluções/Recomendações: Os padrões englobam soluções que incentivam uma maior integração social e conectividade entre os espaços, diminuindo a poluição ambiental e sonora perto das casas dos moradores e criando pontos de encontro e densidade de pessoas.</p>
<p>Diretrizes de projeto: Projeto de um núcleo turístico composto por diversas construções e espaços sociais que, juntos, formem um espaço de apresentação da cultura e memória Kalunga. Criar um estacionamento na entrada do Engenho II para impedir carros de turistas no centro da comunidade, desafogando o fluxo em frente ao CAT e fazendo com que o turista tenha que caminhar pelo local. Utilizar vegetação nos limites do estacionamento do complexo para camuflá-lo à paisagem. Criar ruas apenas para circulação de pedestres dentro do complexo, deixando os carros no estacionamento. Escolher lugares sombreados e que estejam no caminho dos ventos para posicionar os bancos. Eles devem permitir a vista para as atividades e fluxos, receber proteção contra o sol e ser um espaço de descanso.</p>

Tabela 2: Análise da dimensão de sustentabilidade

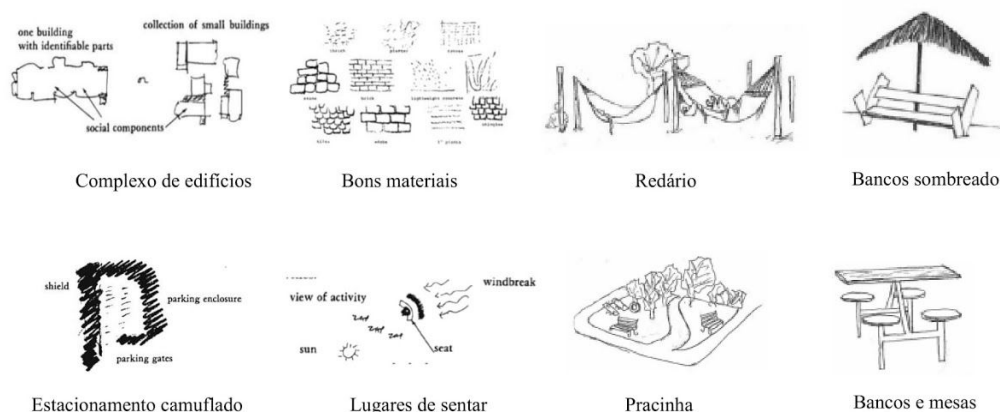


Figura 4: Padrões de solução elaborados pelos autores a partir dos padrões existentes levantados e baseados em Alexander et al (1977) e Andrade (2014).

Sustentabilidade Cultural e Emocional
<p>Contexto/Problemas: Existe uma grande afetividade com os espaços e uma alta representatividade simbólica com os elementos culinários, religiosos e artesanais. Falta orientabilidade para os diversos espaços.</p> <p>Soluções/Recomendações: Os padrões propõem soluções que incentivam a sociabilidade entre as pessoas, criando laços afetivos, além de atividades culturais como a feirinha de produtos quilombola, um palco para apresentações culturais e ornamentação nas edificações propostas.</p>
<p>Diretrizes de projeto: Aumentar a sinalização por toda a comunidade, informando elementos históricos e de serviços. Integrar os espaços do Engenho e dentro do complexo através de caminhos sinalizados, pavimentação (pedra/madeira), pergolados, criando uma unidade dentro do território. Instalar bancos e plantar árvores ao longo dos caminhos de pedestres, incentivando a permanência em diferentes pontos da comunidade. Fazer canteiros de flores com bordas sólidas para que as pessoas possam se sentar junto às flores. Posicionar os canteiros de maneira a permitir que as pessoas toquem e cheirem as flores. Utilizar apenas flores nativas do cerrado. Utilizar elementos e cores da cultura Kalunga e africana para ornamentar os espaços dentro do complexo.</p>

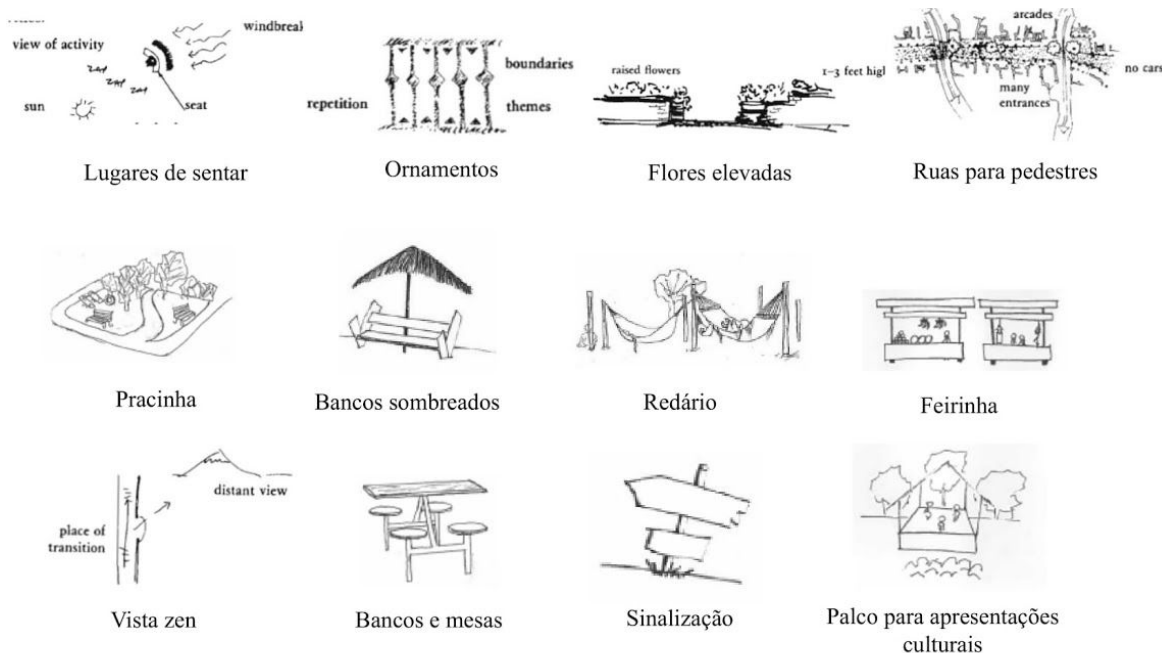


Figura 5: Padrões de solução elaborados pelos autores a partir dos padrões existentes levantados e baseados em Alexander et al (1977) e Andrade (2014).

Sustentabilidade Econômica

Contexto/Problemas:

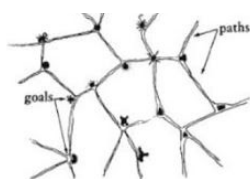
Baixa densidade (há poucas casas construídas), com pontos comerciais espalhados pela comunidade, localizados nas próprias casas dos moradores. Vivem da produção de alimentos, venda de artesanatos e do turismo.

Soluções/Recomendações:

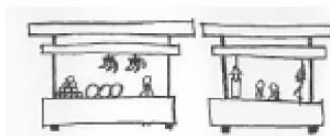
Os padrões propõem a criação de espaços comunitários de economia colaborativa para incremento na renda dos moradores e melhorias no mobiliário público.

Diretrizes de projeto:

Reservar um pedaço de terra ensolarado para o cultivo coletivo de uma horta que permita a interação do turista com os alimentos do cerrado. Construir junto à horta um pequeno galpão para ferramentas. O excedente pode abastecer a feira de produtos quilombola, também dentro do complexo. Programa de coleta seletiva do lixo e reciclagem, o que pode vir a se tornar uma renda extra aos moradores. Para tanto, devem ser construídos pontos de coleta e armazenamento adequado desse lixo para que ele não fique espalhado pelas ruas.



Edifícios conectados



Feirinha



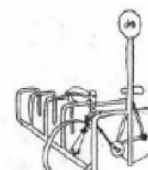
Coleta seletiva



Bancos e mesas



Sinalização



Bicicletário

Figura 6: Padrões de solução elaborados pelos autores a partir dos padrões existentes levantados e baseados em Alexander et al (1977) e Andrade (2014).

Sustentabilidade Ambiental

Contexto/Problemas:

Utilização de alimentos locais e industrializados de cidades próximas, apesar de ser uma área agroecológica extremamente rica. Não há captação de água da chuva e utilizam fossas sépticas com sumidouro para o descarte do esgoto. Há lixo acumulado em alguns pontos pela demora da prefeitura de Cavalcante em fazer a coleta.

Soluções/Recomendações:

Os padrões propõem a utilização de materiais biodegradáveis nas construções, a captação e o reuso da água da chuva, soluções para o conforto térmico e luminoso dentro das edificações propostas reduzindo os gastos com energia e melhorias na ambiência dos espaços como arborização e espaços de sentar.

Diretrizes de projeto:

Através do estudo da Carta Solar do local, posicionar os ambientes internos de maneira a aproveitar mais/menos a luz solar que chega nos espaços. Formar espaços utilizáveis com as árvores aproveitando-se da proximidade com pergolados, jardins, bancos, etc. Construir banheiros secos compostáveis no complexo, onde o rejeito ficará armazenado em câmaras até se transformar em fertilizantes, através da ação do calor do sol e de bactérias. O composto pode ser utilizado na horta. Utilizar os materiais tradicionais das construções kalunga como tijolos de adobe, paredes de pau-a-pique, cobertura de palha e estrutura em madeira e bambu. Perguntar aos moradores quais espécies de madeira e palha são mais utilizadas e como encontrá-las. Substituir as fossas sépticas com sumidouro pelo sistema biodigestor, que trata as águas cinzas e negras.

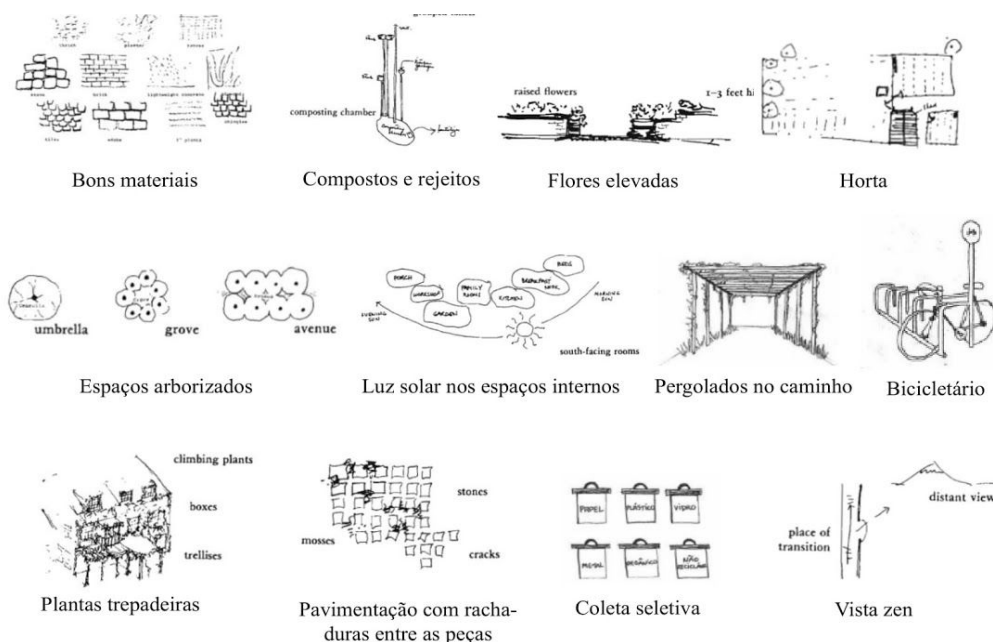


Figura 7: Padrões de solução elaborados pelos autores a partir dos padrões existentes levantados e baseados em Alexander et al (1977) e Andrade (2014).

O próximo passo será mostrar novos croquis da área de intervenção e das construções em si, nos quais o conhecimento técnico do arquiteto irá se fundir às preferências da comunidade, levando sempre em consideração a sustentabilidade dos materiais nas construções, tendo o cuidado de se utilizar o máximo possível de materiais locais e a identidade e história do quilombo. Em seguida, como produto final, será entregue para a comunidade um caderno contendo toda a memória de pesquisa e descritiva do projeto em si, junto com um caderno de construção passo a passo para que eles próprios tenham a chance de construir aos poucos o que foi projetado.

Considerações finais

A pesquisa e projeto de extensão com o Quilombo Kalunga do Engenho II, ainda em fase de desenvolvimento, espera como resultado a resolução ou amenização de alguns conflitos existentes na comunidade em relação ao turismo, como a superlotação das cachoeiras, prejuízos ao ambiente cultural, social e ambiental e competições entre as famílias empreendedoras.

Ao perceber que suas vozes são ativas e determinantes nas decisões de projeto, o sentimento de empoderamento e de união comunitária se renova, e laços afetados pela influência do turismo começam a ser restabelecidos. O arquiteto precisa estar atento para atuar como mediador na comunidade, gerenciando conflitos internos e propondo atividades que gerem discussões construtivas para que, como resultado dessas ações e de todo o percurso metodológico, seja projetada uma arquitetura que expresse a identidade local, ressignificando os espaços e o senso de pertencimento ao lugar.

Por fim, é importante ressaltar o dever dos estudantes, professores e profissionais em promover a extensão do ensino e da pesquisa para a realidade social para que sejam quebrados os muros acadêmicos que separam as Universidades das comunidades, especialmente as que precisam de mais assistência, mas que, na maioria das vezes, não conseguem acessá-la.

Referências

ALEXANDER, Christopher. Et al. *A Pattern Language: towns, buildings, construction*. New York: Oxford University Press, 1977.

ANDRADE, Liza Maria Souza de. *Conexão dos Padrões Espaciais dos Ecossistemas Urbanos, a construção de um método com enfoque transdisciplinar para o processo de desenho urbano sensível à água no nível da comunidade e o no nível da paisagem*. Brasília: Tese PPG-FAU/UnB, 2014.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo; CIPRIANO, A. (Org). *Quilombolas: tradições e cultura da resistência*. São Paulo: Aori Comunicação, 2007.

Brasil, Ministério do Turismo. *Ecoturismo: orientações básicas – Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação*. 2. Ed – Brasília, 2010.

MONTANER, Josep Maria; MUXI, Zaida. *Arquitetura e Política: Ensaios para mundos alternativos*. Editorial Gustavo Gilli, Barcelona, 2013.

VELLOSO, Adriana D'aqui. *Mapeando narrativas: uma análise do processo histórico-espacial da comunidade do Engenho II – Kalunga*. Dissertação de Mestrado em Gestão Ambiental e Territorial. Departamento de Geografia – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.